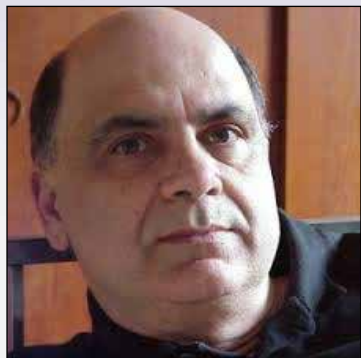


Por dentro do IQ

Ponto de Vista: Ivan da Costa Marques



Ivan da Costa Marques

O futuro Pró Reitor de Pós Graduação e Pesquisa (PR2) da UFRJ, Professor Ivan da Costa Marques, ainda vai conhecer os recursos e impedimentos da sua gestão. Espera, contudo, fazer a pesquisa se voltar mais para os problemas locais, ocupando espaço ao lado daquela dos problemas tradicionais, importados dos países modelos.

As parcerias com outras universidades existentes no Rio de Janeiro (UERJ, UNIRIO e também UFF) não estão por ele descartadas. Nesta entrevista exclusiva ao INFORMATIVO IQ ele antecipa algumas questões cruciais.

[LEIA MAIS](#)

Defesas de Maio

Monografias, dissertações e teses - [LEIA MAIS](#)

Toda Mídia

Café de qualidade tem que ser como Chanel nº 5



Phillip Marriot. Foto: Jornal O Globo.

Pátria Educadora é 'carne' para o 'osso' do PNE, diz Janine



Foto: internet.

O ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, acredita na prioridade estabelecida pela sociedade brasileira em buscar um salto de qualidade na educação básica: "Tudo mostra que ela é a que mais retorno dá". Mas rechaçou a avaliação de que as universidades federais estão em situação de "penúria" e sem verbas. [LEIA MAIS](#)

Mais alunos, mais evasão

[LEIA MAIS](#)

Phillip Marriot, especialista australiano em química analítica, está no Brasil e explica a parceria mantida com a EMBRAPA para estudar as propriedades do café brasileiro. [LEIA MAIS](#)

Para professores adeptos das tecnologias

Como levar os alunos a adquirir mais conhecimentos na sala de aula, interagindo entre si com os conteúdos e lançando mão das novas tecnologias com finalidade acadêmica? O site de notícias Univerisia Brasil enumerou três aplicativos capazes de registrar a aula por meio de desenhos e vídeos. [LEIA MAIS](#)



Foto: Univerisia Brasil.

Outros Destaques

- Química em Magé
- JICTAC 2015 do IQ

Agenda

- XXIII Curso de Editoração Científica, em 25-27/6. Local: Centro de Convenções Esmeralda I - Hotel Mercure, Goiânia (GO).
Ver: http://www.abecbrasil.org.br/includes/eventos/xxiii_curso/

- VIII Olimpíada Brasileira de Química Júnior - Fase I, em 7-8. Inscrições em 1/6-4/7.
Ver: <http://www.obquimica.org>

- 1ª Escola de Técnicas de Espalhamento de Raios X (SAXS) e Neutrons (SANS) para Investigação Estrutural de Materiais e Sistemas Biológicos, em 6-10/7. Local: Auditório RDC da PUC-RJ.
Ver: <http://e-diffraction.com/workshop/>

- Olimpíada Brasileira de Química-2015, em 29/8. Inscrições até 22/8.
Ver: <http://www.obquimica.org>

- XIV Brazil MRS Meeting - SBPmat, em 27/9-1/10. Local: Centro de Convenções da Sul América (av. Paulo de Frontin, 1 - Cidade Nova - Centro - RJ).
Ver: <http://sbpmat.org.br/14encontro/>

Do 'luxo' à 'originalidade': novas atuações



Ivan da Costa Marques é formado em Engenharia Eletrônica pelo ITA (1967) e possui mestrado (1970) e doutorado (1973) em *Electrical Engineering and Computer Science*, em Berkeley (UCLA). Foi professor pesquisador na COPPE e NCE/UFRJ, do qual foi diretor (1976). Atuou na área de economia e engenharia de produção, com ênfase em Economia da Tecnologia. Seu pós doutorado (1990-1992) foi no Departamento de História (*Historical Studies Committee*), da *New School for Social Research*, em Nova York, concentrando-se em história das ciências e das tecnologias.

Desde 1995 é professor associado do Programa de Pós Graduação de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ) e se dedica aos estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade no Brasil. Em 2002 fundou coletivamente o grupo de pesquisa NECSO (CNPq). É presidente da Associação Brasileira de Estudos Sociais de Ciências e Tecnologias, e vice presidente da Sociedade Brasileira de História das Ciências.

Dentre os problemas enumerados pelo futuro Pró Reitor da PR2, Professor Ivan da Costa Marques na sua conversa, aqui, está, sem dúvida, a questão dos salários dos funcionários e dos professores, classificada por ele como "nos limites dos horizontes, bem ou nem tanto, garantidos".

Ele lembrou também ser possível, com a presença das pessoas, elaborar novas maneiras de fazer com que as coisas sejam concebidas. "Não esqueçamos que toda crise tem um potencial renovador", advertiu.

- **Informativo IQ** - *Quais são os seus planos para a futura Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, no mandato do novo reitor, Prof. Roberto Leher?*

Ivan da Costa Marques - Não tenho, no momento, propriamente planos, pois não conheço ainda os recursos e as restrições, ou facilidades e impedimentos para fazê-los. Mas tenho intenções, por exemplo:

a) promover uma aproximação entre a pesquisa e a extensão na UFRJ, para que a extensão seja uma fonte de problemas de pesquisa e exemplos para a pós-graduação. A Professora Maria Malta (Maria Mello de Malta, IE/UFRJ) será a Pró-Reitora para a área (PR5). Minha expectativa é incentivar a pesquisa a se voltar mais para os problemas locais, ao lado dos problemas que tradicionalmente importa dos países que nos servem de modelo.

b) averiguar a possibilidade de ampliar a oferta de disciplinas eletivas na pós-graduação propondo parcerias com UERJ, UFF, UNIRIO e outras universidades na cidade do Rio de Janeiro. Acredito que se possa ganhar muito pela complementaridade provavelmente existente nas capacidades docentes e discentes (de pesquisa) que estão espalhadas e isoladas. Pode-se começar muito prudentemente desburocratizando a possibilidade, que talvez já exista, de nossos estudantes cursarem disciplinas na UERJ, e vice-versa.

c) incentivar os programas mais estruturados, com mais recursos, com nota 6 e 7 na CAPES, a ajudar os programas que carecem de infraestrutura.

São exemplos. Estarei atento às oportunidades de outras iniciativas pontuais que, certamente, aparecerão.

E ainda, também muito importante, d) promover na comunidade UFRJ, especialmente na pós-graduação, uma reflexão sobre a relação entre a construção de fatos e artefatos sócio-técnicos-científicos e a construção da democracia brasileira. Vale logo ressaltar, como caso específico para esta reflexão, a construção dos artefatos de avaliação dos programas de pós-graduação usados pela CAPES. De onde vêm? Que padrão de distribuição eles induzem? Os indicadores são úteis, não devem deixar de existir, mas se não são intrinsecamente bons ou maus, também não são neutros. Eles beneficiam uns, e dificultam a vida de outros.

Além disso, se no momento da sua criação um indicador guarda um certo tipo de relação com o que se quer que ele indique, após algum tempo essa relação pode mudar. As pessoas e as instituições mais ou



Foto: Daniel Viegas

menos rapidamente aprendem como melhorar seu indicador, o que usualmente introduz graves erros administrativos. Administrar com exclusiva ou excessiva concentração de atenção nos indicadores pode ser muito enganoso e até desastroso.

Você deve conhecer a história do céu que passou a ser administrado por indicadores. Ganhava mais pontos para entrar no céu quem fizesse o maior número de pessoas ter Deus presente em suas vidas, rezando. Um padre que tinha

vivido piedosamente toda a sua vida dedicada aos fiéis não obteve pontos para passar direto na porta do céu. Foi para o purgatório! Reclamou porque viu entrar direto um taxista irresponsável que chegara momentos antes. São Pedro não teve dificuldade para explicar ao padre o adiamento de sua entrada: enquanto você rezava o sermão, todo mundo dormia, enquanto ele dirigia o táxi, todo mundo rezava!

Isso não quer dizer que seja factível, pelo menos em se tratando da PR2

ou da UFRJ, administrar sem números, sem quantificações. Os números e indicadores, sempre junto com as histórias de cada um deles (a explicitação do que entra na construção de cada um deles, como são obtidos ou calculados) são necessários na administração. Aliás, lembrar da utilidade dos números lembrou-me a Professora Debora Foguel que me disse que, como eu, gosta de números! Lembrei-me agora do levantamento socioeconômico que ela apresentou na reunião do CEPG de sexta passada (19/06/2015) assistida também pelos estudantes.

Ela havia mencionado seu interesse de propor um estudo semelhante para toda a pós-graduação no Brasil, que poderia fazer com o apoio de Brasília. É claro que ela terá também todo o apoio da PR2 para levar isso adiante. Precisamos de propostas de boas coisas a fazer e de pessoas que as façam. Tornar-se também importante dizer, embora talvez nem precisasse, que faz parte das minhas intenções dar continuidade às iniciativas proveitosas da administração anterior.

- **IQ** - O governo anunciou o contingenciamento de R\$ 9,4 bilhões no orçamento do MEC. De que modo isto afetará a Pesquisa e a Pós Graduação na UFRJ?

ICM - Veja bem, estávamos falando de números e R\$9,4 bilhões é um número absoluto. Sua retirada do fluxo de recursos ocasionará um período de seca que vai nos afetar. Mas eu não sei de que montante relativo estamos falando quando nos referimos ao contingenciamento de recursos para a “Pesquisa e Pós Graduação na

UFRJ”. 20%? 40%? 60% 80%, de quais recursos? Não tenho elementos, e não sei se alguém já tem, para saber agora como este número chegará relativizado (em termos de porcentagem por item de recurso) ao cotidiano da PR2.

Não sei ainda tampouco que tipo de negociação será possível fazer, em termos de substituição de rubricas ou tipos

de item de despesa. Em relação à UFRJ no seu todo, ouvi dizer que os recursos, quando e se forem liberados, virão com destinos pré-definidos, tais como para pagar água e eletricidade. Se assim vier a acontecer, isso poderia significar impor uma tutela inaceitável para os administradores da UFRJ. Mas, por enquanto, entendi que isso é uma especulação.

- **IQ** - A PR2 está preparada para este período de “vacas magras”? Como garantir a sua sobrevivência?

ICM - Digamos que teremos que procurar atuações mais associadas à categoria “originalidade” do que à categoria “luxo”. Garantia de sobrevivência não há, nunca há. Mas colocada a per-

gunta nesses termos, temos um período de extrema penúria, catastrófico, de sobrevivência, não esqueçamos de que os salários dos funcionários e dos professores estão, nos limites do horizonte,

bem ou nem tanto, garantidos. E, com as pessoas presentes, é possível que novas maneiras de fazer as coisas sejam concebidas. Não esqueçamos que toda crise tem um potencial renovador.

- **IQ** - Como preservar o que foi conseguido até aqui? (por exemplo: no Campus UFRJ-Macaé foram criados dois novos cursos de mestrado stricto sensu, em 2013 - Produtos bioativos e Biociências; e o de Ciências Ambientais e Conservação. Este último, também em nível de doutorado, em 2014)

ICM - Como disse acima, em primeiro lugar, a partir da intenção de dar continuidade ao proveitoso que tenha sido conseguido até aqui (pelas administrações anteriores). Não só a continuação como a ampliação dessas iniciativas contarão com apoio e serão tratadas com o mesmo interesse que possíveis novas iniciativas, e nunca vistas como secundárias por serem oriundas de administrações anteriores. O debate eleitoral se dá, e parece que não

sabemos ainda fazê-lo de outra forma, a partir de categorias demasiadamente gerais. Muitas vezes essas categorias são completamente inadequadas para ou mesmo incapazes de tratar, conceber e propor saídas para as situações concretas que se apresentam na vida cotidiana. Pelo contrário, muitas vezes essas categorias e os referenciais demasiadamente simplificados ou mesmo dicotômicos que elas colocam em cena atrapalham. Se puder citar uma frase de Friedrich



“Não acredito em convicção, acredito em negociação. A eleição acabou e a hora é de construção.” (ICM)

Nietzsche, “toda convicção é uma prisão”. Não acredito em convicção, acredito em negociação. A eleição acabou e a hora é de construção.

- **IQ** - E como melhorar os Programas que já existem? Como procurar render o máximo o dinheiro do governo?

ICM - Na mesma linha de desconfiança das ideias e métodos gerais, não acredito que se possa dar uma resposta que seja geral e eficaz para a pergunta “como melhorar os Programas que já existem?” O que é melhorar já abre muitas possibilidades. A boa resposta se dá no caso a caso diante do espaço do possível. Dê-me um Programa e seu coletivo, isto é, pessoas, coisas e ideias que delimitam e compõem seu universo, que será sempre possível que este coletivo se analise e veja o que de melhor pode fazer a respeito dele próprio.

Quem participa deste coletivo, no caso de um Programa, é uma questão que se desloca, digamos assim, no eixo micro-democracia - micro-autocracia.

E como fazer render o máximo os recursos (não só financeiros) que se encontram na universidade? Uma resposta prosaica, que muitos simploriamente classificarão de ingênua, mas que creio factual, seria mais atenção e mais carinho em todas as situações de trabalho. Não fazer de conta que está dando uma boa aula; não deixar o telefone do colega de sala tocando indefinidamente sem

atender; prestar atenção para que toda a informação esteja no e-mail que está escrevendo, de modo que o destinatário possa prosseguir o assunto sem voltar a você; não desperdiçar papel; não deixar o banheiro sujo; não fingir que cumpre o horário tomando três horas para almoço; prever uma possível falha e procurar preveni-la; não engrossar sem informação os boatos que levam à recomendação de fechar o campus mais cedo; não sair sem desligar a luz, o condicionador de ar e o computador, etc., etc., etc.

- **IQ** - Apesar da crise, pesquisa e desenvolvimento continuarão a caminhar juntas na UFRJ, em 2015-2019?

ICM - Vou usar o termo tecnocientífico para me dirigir neste ponto mais às engenharias e às ciências “duras”, e não separar tecnologia de ciência. Se abordarmos a questão do ponto de vista de como o conhecimento tecnocientífico é feito, essas atividades – que recebem os nomes de pesquisa e desenvolvimento – não têm outra opção a não ser cami-

nhar juntas para lograrem sucesso, isto é, criar conhecimento, isto é, estabilizar novos fatos e artefatos que se disseminem sociedade a fora.

Creio que, por exemplo, uma política pública de financiamento que efetue a separação entre pesquisa e desenvolvimento colabora mais para o fracasso do que para o sucesso do fazer local de

tecnociência. Talvez mais danosa ainda seja a separação entre pesquisa básica e pesquisa aplicada. Pesquisa e desenvolvimento não são separáveis no fazer científico-tecnológico, e tampouco são separáveis de um fazer sócio-político. O mais engenhoso processo de criação de conhecimento por um grupo de pesquisa (brasileiro) pode ser estancado por



Foto: Daniel Viegas

uma patente (estrangeira). Em expressão panorâmica, estamos passando de uma era do “direito de posse” (de bens) ao “direito de criação” (de conhecimento). Isto é uma mudança sócio-política, na área do direito, completamente imbricada com o que mais tradicionalmente é visto como pesquisa ou desenvolvimento tecnocientífico.

Como situar a UFRJ, para não dizer as instituições de pesquisa no Brasil,

neste quadro? Pelo menos gosto de crer que os engenheiros, médicos e cientistas cada vez mais reconhecem que os fazeres científicos-tecnológicos são inseparáveis dos fazeres políticos. Esses fazeres sócio-técnicos-políticos detêm imenso poder e acontecem a partir de ontologias ignoradas, pelo menos no Brasil, pelo fazer político partidário tradicional.

Na contemporaneidade, socieda-

des-ciências-tecnologias são uma “rede sem costura” e, pelo menos para nossas comunidades de ensino e pesquisa, não há proveito em tratá-las já *a priori* como entidades – a sociedade, a ciência, a tecnologia – isoláveis umas das outras (e ainda no singular). Em um país onde os fatos e artefatos sociotécnicos vêm avassaladoramente de fora, a engenharia reversa, por exemplo, seria aparentemente um lócus para a pesquisa em engenharia no Brasil. Mas dignificar a engenharia reversa só pode ser resultado de um fazer sociopolítico que resulte inclusive em mudanças legais.

Que lei de patente deve ser negociada, construída e promulgada para incentivar a pesquisa e o desenvolvimento sociotécnico brasileiro? – responder não é tarefa nem para juristas nem para engenheiros e cientistas que trabalhem isoladamente. A discussão destas questões também faz parte do meu rol de intenções na PR2. Certamente estou precisando de ajuda!

Química em Magé

O laboratório didático Professor Joab Trajano Silva prepara-se, em agosto próximo, para exibir, com êxito, na sua Feira de Química, o resultado das aulas práticas ministradas a alunos do Colégio Estadual José Veríssimo, município de Magé (RJ): ali estarão expostos 60 trabalhos de estudantes entre 14 e 17 anos, todos da primeira à terceira séries do nível médio, produzidos nos últimos meses sob a orientação do Professor Leandro Damiano

Saldanha, responsável pela disciplina. “O número de trabalhos inscritos na Feira praticamente dobrou, com a criação do laboratório”, explicou ele.

Existindo desde setembro de 2013, o laboratório químico foi criado com os recursos do Edital FAPERJ Nº 31/2012 - Programa Apoio à Melhoria do Ensino em Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro – 2012, em projeto coordenado pelo professor Angelo da Cunha Pinto (DQO/IQ). As experiências ali exe-

cutadas puderam alcançar, assim, um grau de complexidade maior, e as aulas se tornaram mais dinâmicas e menos abstratas. Hoje ele integra o projeto de extensão, “Apoio à implantação do Programa ‘Dupla Escola’ no Colégio Estadual José Veríssimo - Magé/RJ: uma parceria escola/ universidade de sucesso”, cuja responsabilidade é da Professora Bárbara Vasconcellos da Silva (DQO/IQ).

De lá para cá têm ocorrido diversos encontros didáticos e seminá-



Luís Gustavo e seu professor, Leandro Saldanha. Foto: Bárbara V. da Silva

rios para os alunos do José Veríssimo, e também durante a sua Feira de Química - a de agosto será a quinta a ocorrer no estabelecimento, porém, a segunda a partir do surgimento do novo laboratório. Para este encontro em agosto estão previstas palestras com os professores do IQ, Michelle Jakeline Cunha Rezende e Bárbara Vasconcellos da Silva, e Lidilhone Hamerski Carbonezi (Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors /IPPN/UFRJ), além de Vítor Francisco Ferreira (IQ/UFF).

A Prof^ª. Bárbara lembrou que, desde a criação do laboratório JTS, o interesse dos alunos pela química aumentou, de forma significativa. Ela disse ainda que o laboratório vem ajudando os alunos a enxergar o mundo de forma mais ampla e, consequentemente, a responder questões muito

comuns ao começarem a estudar a disciplina, tais como, “onde vou usar isto na minha vida?” ou “para que serve a química?”

Vida no laboratório Estas perguntas também surgiram na cabeça de Luís Gustavo Barreto de Sá Barreto dos Santos, 16 anos, aluno do segundo ano do colégio. “Atividades no laboratório servem para provar o que foi dito na sala de aula. Não é momento para distração”, admite. Por conta do projeto de extensão, desde maio último ele é detentor de uma bolsa FAPERJ (Programa Jovem Talento para Alunos do Ensino Médio), juntamente com seu professor Leandro (Treinamento e Capacitação Técnica/ TCT). Luís Gustavo também passou a frequentar o Laboratório de Transformações Químicas e Produtos Naturais do IQ, uma vez por semana, e vai se dedicar,

entre outras coisas, a relatar e manter um blog sobre a Feira de Química do seu colégio, lançando mão da história em quadrinhos.

“Investir em ações nesta escola significa criar oportunidades de crescimento para um grande número de jovens do município”, acrescenta a Prof^ª. Barbara. O Colégio José Veríssimo possui, hoje, 1510 alunos distribuídos em três turnos, das 7 às 22h40m, e as aulas de química são realizadas ao longo de dez encontros/ semestre, divididos em aulas com conteúdo e atividades de laboratório.

O projeto já faz parte da proposta de implantação de ensino médio integrado à educação profissional, com habilitação em química, recentemente encaminhada à Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. A Direção do Colégio Estadual José Veríssimo, que é responsável pela iniciativa, aguarda, no momento, a aprovação da proposta pelo governador Luís Fernando Pezão.

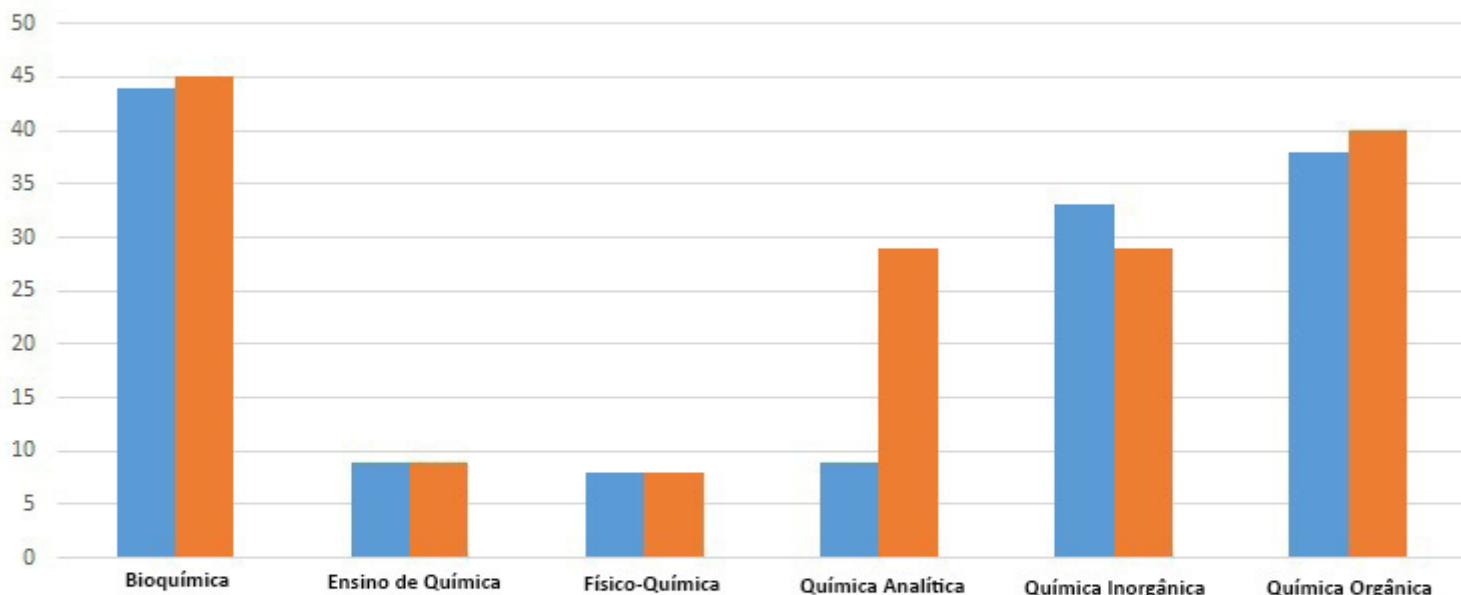


O laboratório JTS reúne turmas dos três níveis do ensino médio. Acima, aula prática de sublimação de iodo. Ao lado, aluna do segundo ano separa a glicerina do biodiesel, por decantação. Tal como qualquer laboratório didático de química, o do Colégio José Veríssimo dispõe de capela (vista ao fundo, na foto à direita), utilizada em reações que liberam gases tóxicos, ou devido a manipulação de substâncias voláteis. Fotos: Leandro D. Saldanha



JICTAC 2015 do IQ

Número de trabalhos inscritos por área temática 2014 - 2015



■ 2014

■ 2015

Alunos inscritos - 184

Alunos inscritos - 210

Trabalhos orais - 55

Total de trabalhos - 141

Total de trabalhos - 160

Trabalhos sob a forma de painel - 105

Bioquímica - 44

Bioquímica - 45

Ensino de química - 9

Ensino de química - 9

Físico Química - 8

Físico Química - 8

Química Analítica - 9

Química Analítica - 29

Química Inorgânica - 33

Química Inorgânica - 29

Química Orgânica - 38

Química Orgânica - 40

Com um total de 160 trabalhos inscritos e 210 alunos participantes, a próxima JICTAC-2015, etapa do Instituto de Química, terá 15 sessões de pôsteres e 11 sessões orais - em 2014 foram apenas seis, destas últimas. A informação foi dada pela Comissão Organizadora, através das Professoras Marlice Sípoli e Michelle Rezende.

De acordo com as coordenadoras, foram inscritos 24 trabalhos nas

dez novas áreas temáticas propostas (Catálise; Ciência da luz; Educação química, política e sociedade; Polímeros; Química ambiental; Química de materiais; Química dos colóides; Química forense; Química medicinal; e Tecnologia de rochas e minerais). Contudo, em função da etapa de avaliação dos pareceristas e da programação das sessões, os organizadores classificaram esses trabalhos nas grandes áreas da química

(Bioquímica; Físico Química; Química Analítica; Química Inorgânica; Química Orgânica; e Ensino de Química).

Mostrando-se satisfeitas com o aumento significativo dos trabalhos orais, as coordenadoras ressaltaram que, assim como na edição anterior, a área de Ensino de Química receberá uma sessão de pôster e uma sessão oral, específicas.

Defesas de Trabalhos

Graduação

Bacharelado em química

- Síntese e caracterização de SiO_2 - SrO via processo sol gel. Autora: Clárea Teixeira de Oliveira. Orientadores: Emerson Schwingel Ribeiro e Cristiano Nunes da Silva, doutorando. Em 28/5.

Curso de química

- Avaliação do extrato do farelo de soja como inibidor de corrosão do aço carbono 1020. Autora: Ana Clara Favilla Bauerfeldt. Orientadora: Eliane D'Elia. Em 29/5.

Licenciatura em Química

- Experimentação no ensino de química: um alerta acerca da importância de se proteger do excesso de sol. Autora: Nayane Pereira de Oliveira. Orientadores: Ricardo Cunha Michel e Bianca Aloíse Maneira Corrêa. Em 6/5.

Licenciatura em Química EaD

- Dioxinas, educação ambiental e a abordagem CTSA nas escolas. Autor: Marcelo Ennes. Orientador: Joaquim Fernando Mendes da Silva. Em 13/5.

Pós Graduação

Doutorado

- Avaliação da qualidade microbiológica e química da carne e hepatopâncreas do caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) coletado em manguezais da Baía da Guanabara, RJ. Autora: Monica Conceição Nunes Carvalho. Orientadores: Eduardo Mere Del Aguila, Selma Gomes Ferreira Leite (EQ-UFRJ) e Fábio Vieira de Araújo (FFP-UERJ). Programa em Ciência de Alimentos. Em 19/5.

EXPEDIENTE

Informativo IQ

O informativo eletrônico é de responsabilidade da Direção do Instituto de Química da UFRJ

Diretora: Cássia Curan Turci (diretoria@iq.ufrj.br). Vice-Diretor: Antonio Guerra (vicediretoria@iq.ufrj.br). Jornalista responsável: Christina Miguez (MTb 13.058). Estagiário em Programação Visual: Pedro Henrique Nascimento (Escola de Comunicação/UFRJ).

Envie suas dúvidas, colaborações, informes, pautas e sugestões para o INFORMATIVO IQ através do e-mail imprensa.assessoria@iq.ufrj.br

Instituto de Química: prédio do CT-Bloco A-7º andar. Ilha da Cidade Universitária-Cidade Universitária - CEP 21.941-590. Tel.: (21) 3938-7261.

O INFORMATIVO IQ não se responsabiliza pelo conteúdo dos links externos indicados, na medida em que os conceitos e as opiniões emitidas não representam conceitos e opiniões dos editores e da direção do Instituto de Química da UFRJ.